

# A Contribuição de Freire para uma Educação de engajamento

PEREIRA, José Alan da Silva<sup>1</sup>,

## RESUMO

O presente artigo trata da contribuição encontrada no pensamento de Paulo Freire para se pensar e referenciar uma educação de engajamento. Entende e realça os principais conceitos da produção freireana e estabelece que existe uma confluência do seu pensamento com a possibilidade de educar para o engajamento visto que sua produção conceitual foi forjada na situação concreta do mundo como acontecimento político e histórico e buscou ensinar a liberdade por meio da superação da condição relacional oprimido-opressor.

*Paulo Freire. Educação. Engajamento. Realidade humana. Transformação.*

## Freire's contribution to an engagement education

## ABSTRACT

This article deals with the contribution found in the thought of Paulo Freire to think about and reference an engagement education. It understands and highlights the main concepts of Freire's production and establishes that there is a confluence of his thought with the possibility of educating for engagement, since his conceptual production was forged in the concrete situation of the world as a political and historical event and sought to give rise to freedom through of overcoming the oppressed-oppressor relational condition.

*Paulo Freire. Education. Engagement. Human reality. Transformation.*

## La contribución de Freire a una educación de compromiso

## RESUMEN

Este artículo trata sobre el aporte que se encuentra en el pensamiento de Paulo Freire para pensar y hacer referencia a una educación comprometida. Comprende y resalta los principales conceptos de la producción de Freire y establece que hay una confluencia de su pensamiento con la posibilidad de

---

<sup>1</sup> Doutor em Educação pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Mestre em filosofia pela (UFPE). Professor na educação básica pela Secretaria de Educação do Município de Caruaru. Email: joseallansdb@hotmail.com. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2980749998199099>. Orcid: ORCID: 000-0003-4909-4231. (*Secretaria Municipal de Educação*)

educar para el compromiso, ya que su producción conceptual se forjó en la situación concreta del mundo como hecho político e histórico y buscó dar lugar a la libertad mediante la superación de la condición relacional oprimido-opresor.

*Paulo Freire. Educación. Compromiso. Realidad humana. Transformación.*

## INTRODUÇÃO

Não é nenhuma novidade que a teoria desenvolvida por Paulo Freire tenha um forte apelo político, ou que esteja direcionada para as questões políticas implicadas na educação. Poucos teóricos conseguiram articular tão bem as diversas facetas da realidade com uma práxis que reverberasse sobre a condição dos seres humanos e da educação, inclusive de modo a alterar o *status* ou modo de ser desta.

Pode ser que isto tenha a ver com a época de Freire. No início de sua produção o mundo demandava por engajamento. Movimentos políticos de oposição aos sistemas vigentes eclodiam na Europa; o mesmo acontecia no Brasil, então tomado pela peste da ditadura e a censura que ela emanava, e que através dos movimentos estudantis, dos grupos de jovens afeitos à teologia da libertação e outros movimentos contrarrevolucionários, reivindicava liberdade. Filosofias tomavam forma; retomavam modelos deixados por Feuerbach, por Marx, por vezes os reformulava. O corolário filosófico deixado por Hegel gritava às consciências sensíveis e Freire conseguiu amalgamar o melhor dessas filosofias sem prejuízo algum para o interdiálogo com tantas vertentes de pensamentos, de modo que vemos em um mesmo pensador – no caso Freire – as influências do hegelianismo, da fenomenologia, do existencialismo, do personalismo e um pouco de marxismo também.

Neste artigo queremos demonstrar como o acesso a estas filosofias transformaram o pedagogo Paulo Freire no grande pensador da educação brasileira. E como podemos, através da leitura de sua obra, relacionar a educação com o engajamento como uma realidade sem a qual aquela atividade estaria periclitando no tocante a sua prática e os fundamentos epistemológicos dos seus saberes e de sua estrutura. A educação é uma questão que implica a existencialidade dos sujeitos e a busca de sentidos que desemboquem numa atividade. Como tal, orbitando em torno da dimensão existencial da realidade humana, com todas as exigências que lhe são cabíveis e configuráveis, catapultando-se a outro nível de discussão assentada em uma compreensão de sujeito político, partícipe e responsável pela sua própria construção, pelos destinos que o mundo e a cultura possam e devam ter para indivíduos existencialmente engajados, a educação tem tarefa essencial de realização e efetivação de práticas políticas e de engajamento no mundo da vida. Isto se percebe na pedagogia de Freire.

Reconhecendo na política um dos conceitos privilegiados da teoria freireana e sustentáculo de sua prática de educação, a proposta deste artigo é afirmar a possibilidade do processo pedagógico do engajamento, partindo da análise de alguns conceitos fundamentais da teoria freireana, como por exemplo, a autonomia, a educação como prática da liberdade, a ação cultural, a conscientização, entre outros, evidenciando algumas das dimensões do sujeito explicitadas pela capacidade de comprometimento com a realidade, através de sua liberdade, sua responsabilidade, de sua autonomia, a capacidade de construir o mundo e o possível enraizamento da consciência na vida prática, em um tipo de compromisso político efetivo, que parte de si em direção aos outros, porém, mediado e delineado por relações de educação.

O engajamento traz como algo inerente a si a colocação do problema da luta entre classes, pois, é uma urgência sua que o indivíduo se situe numa conjuntura bem definida. Se a educação não é um ato desinteressado (COELHO, 2002, p. 37), mas profundamente político, cabe-nos refletir sobre quem e para que ela serve. Portanto, no contexto desse escrito e dos acontecimentos sociais em torno da educação e dos seus sujeitos, cabe-nos perguntar: tem a educação ainda algum sentido? Tem sentido perguntar pela educação e uma possível confluência sua com o engajamento? Se tiver sentido, como relacioná-la com o engajamento enquanto uma função especificamente pedagógica?

Em diálogo com as influências filosóficas que nutriram o pensamento de Freire reaveremos uma leitura de quatro grandes obras suas, resgatando conceitos fundamentais, como os citados no parágrafo anterior e a questão da participação política, bem como o que nele é próximo às filosofias que lhe alimentaram. Enfatizaremos em quais aspectos sua compreensão de Educação nos dirige para o campo do comprometimento político e, ao definirmos a estrutura fundamental deste artigo como sendo o engajamento e como ele pode compor o arranjo de um processo pedagógico, veremos, em que medida o pensamento freireano também conduz a uma pedagogia do engajamento, do compromisso, da autenticidade.

Podemos encontrar respostas para tais questões na produção de Paulo Freire que constam em: *Pedagogia do Oprimido*, *Educação como Prática da Liberdade*, *Educação e Mudança* e *Ação Cultural para a Liberdade*.

### Com Freire rumo a uma educação engajada

Qual o sentido da educação? Essa pergunta aparentemente simples sobre o seu sentido é uma das mais complicadas para um pensamento que se queira comprometido com as questões educacionais, pois, numa sociedade politicamente organizada e dividida entre classes, coloca-se como imperativo, por mais que se queira negar ou afirmar o contrário, uma luta ideológica que

perpetua a situação dos sujeitos em desigualdades que se assentam historicamente, mas que podem ser superadas, sobretudo, sob os auspícios da educação. Tais desigualdades já começam a ser desenhadas nos processos de educação – embora esta sirva para libertar, mas como contrapartida para domesticar também – e no modo como as mais variadas classes sociais tem acesso a ela, desde a formação mais elementar até o ensino superior. Ao observar-se o processo educacional ocorrido em escolas e refletidos na sociedade, por exemplo, Ildeu Moreira Coelho afirma que:

4

Sendo a escola uma instituição da sociedade civil, nela se manifestam todos os conflitos, os antagonismos que constituem a existência desta. Ora, em nossa formação social encontramos duas classes fundamentais, cujos interesses se excluem radicalmente. Trata-se, portanto, de uma formação social não-homogênea, fundada em interesses antagônicos, não harmonizáveis. O conflito constitui a essência de interesses realmente comuns e o aparecimento de um verdadeiro consenso, sem a superação da divisão social (COELHO, 2002, p. 37).

Sobre a citação anterior e o que se escreveu acima podemos ampliar com Freire, quando escreve na *Pedagogia do Oprimido* que:

A pedagogia do oprimido, como pedagogia humanista e libertadora, terá dois momentos distintos. O primeiro, em que os oprimidos vão desvelando o mundo da opressão e vão comprometendo-se, na práxis, com a sua transformação; o segundo, em que, transformada a realidade opressora, esta pedagogia deixa de ser do oprimido e passa a ser a pedagogia dos homens em processo de permanente libertação (FREIRE, 2008, p. 46).

O que Freire demonstra bem é que, seja por meio de qual processo for, somente uma educação que transforme e modifique a cultura, no sentido de superação da cultura de opressão, de divisões de classe, da cultura desumanizante é que uma pedagogia dialógica daria lugar a um aspecto novo no seio da realidade. Tal processo de modificação só será possível por meio de um engajamento efetivo, porém, essa realidade só é possível por meio de uma tomada de consciência que comprometa a existência dos indivíduos num processo coletivo. O que se pleiteia neste artigo é que, a condição do engajamento pode ser uma tarefa da educação, uma intencionalidade e finalidade suas.

Em um tempo em que o imperativo é o fazer, é a execução da técnica, que esquece o ser e foca em cheio a dimensão do aparecer, o sentido da educação engajada é uma urgência com a qual ela precisa ser revestida e

ocupar-se. Cabe, portanto, uma crítica contundente àquilo em que ela foi transformada ao despir-se do seu sentido humanizador, e revestir-se de burocracia, de novas teorias que cinicamente roubam conceitos utilizados por movimentos progressistas e transformando-os nas regras para o parque humano, ou em um sistema de domesticação, como propõe Peter Sloterdijk, ou uma educação de rebanho manso, como argumentaria Nietzsche. No ritmo convincente das ideologias utilitaristas do mercado, sucumbimos e despojamo-nos dos atos humanos que permeiam e norteiam os atos educativos e nos contentamos em fazer parte das engrenagens do sistema, vazio e sem *logos*.

5

Como transformar a educação perante o engajamento que ela suscita e que Freire evidenciou em sua obra? Entendemos o engajamento como um ato humanizante e humanizador, pois, nos politiza, nos tira da inércia de uma vida que não questiona e nem enfrenta as agruras e violências impostas pelo sistema vigente que nos escraviza, subalterniza e tenta confirmar conformando, uniformizando identidades de pessoas, que, ontologicamente são livres e diferentes.

Por isso, a educação encaminhada ou reconhecida como atividade política e engajada é ato político, e dessa afirmativa não se pode abrir mão, correndo-se o risco de esvaziar os processos de construção de saberes, as trocas, os diálogos e o crescimento evidenciado nessas relações. Se buscarmos encontrar a dimensão pedagógica do processo de engajamento, seremos convencidos de que a educação, por meio dos mecanismos que ela detém, pode ser também instrumento de grande relevância, pois, se de um lado ela serve à alienação, à manutenção do *status quo*, por outro lado, “ela pode também ser um importante instrumento a serviço da elaboração e concretização de um novo projeto social” (FREIRE, 2005, p. 39). Haveremos de nortear o sentido que queremos dar à educação atrelada a sua dimensão política através do conceito de engajamento e de conscientização. Ela sempre foi e será ato político, por isso cada época reveste às ideias e à cultura pedagógica com o caráter ideológico daqueles que socialmente estão no topo da cadeia de estamentos, que segregam e separam àqueles que deveriam estar unidos por um destino comum: a liberdade da existência humana!

A pedagogia freireana, como proposta filosófica e também de teoria educacional, significa um grito em favor da liberdade e da libertação dos indivíduos e sua inserção nas variadas coletividades. Libertação de que o próprio ser humano é o feitor e o responsável. Aliás, entre as várias teses defendidas por Paulo Freire, a noção antropológica existencial, a autonomia dos sujeitos, os processos de libertação social e humanos ocorridos entre aqueles que se implicam nos processos de educação são determinantes, em primeiro lugar, das mudanças existenciais, depois, das mudanças sociais, da libertação realizada num processo encadeado e com cadência.

Temos assim, a compreensão de que também para Freire a educação, em sua essência e condição própria, só ganha sentido devido ao caráter aberto do humano e de sua inclinação à formação, de uma orientação da vida e da existência – que se inicia no para-si e transcende em relação ao para-outro – com a qual se reveste sua razão de ser e sua prática, e por meio da qual os sujeitos encontram sentido e orientação para suas vidas particulares, porém, comprometidas num tecido social. Por essa razão a teoria freireana poderia carregar o mesmo apelo que carregam os existencialismos, de libertação e responsabilização dos indivíduos que assumem suas vidas e conquistam suas liberdades.

Um dos desafios deste artigo é analisar e relacionar duas importantes noções de articulação compreendidas pelo pensamento de Freire: a educação e o engajamento. Não que estas áreas estejam separadas, mas geralmente são compreendidas e até praticadas como tal. Encontrar na tessitura dessa relação educação-engajamento uma dimensão fundamental ao processo pedagógico, ancorada numa ontologia fenomenológica específica da consciência (abordagem metodológica escolhida pelo autor deste artigo), através de um estudo dos principais conceitos que surgem, em parte, da obra de Paulo Freire, que tenha como coroamento uma pedagogia voltada ao engajamento, é uma das demandas que trataremos aqui.

Muitas vezes, essas duas áreas que se dependem mutuamente são tratadas em uma distinção absoluta. Daí a necessidade de estabelecer e afirmar mais enfaticamente que a educação e o engajamento não se separam. Que uma supõe o outro. Independente da abordagem que se adote<sup>2</sup>, a educação não se separa do engajamento. Com tais afirmações, espera-se encontrar bases sólidas e alicerces firmes para deslocar o pensamento de Freire para uma interpretação que contemple a relação entre educação e engajamento tão mal entendida atualmente.

A teoria da subjetividade que aparece em Freire aponta para a conscientização e para autonomia. É na conscientização enquanto processo de subjetivação ocorrido mediante uma estrutura educacional e os mecanismos sociais, que residirá também o suporte para o desenvolvimento da autonomia que todo engajamento necessita.

Muitas vezes Freire foi mal lido e mal interpretado. Possuidor de muitos leitores, falta entre eles, quem o compreenda em toda a força e coerência do seu pensamento, visto que se romantiza muito sua teoria educacional, tentam meter o nome de Paulo Freire em tudo que é abordagem pedagógica, sobretudo, no tocante aos conceitos de autonomia e conscientização que mais parecem uma

---

<sup>2</sup> Mesmo que o educador adote uma abordagem construtivista, popular, positivista, escolanovista, ou qualquer outra, a existência da questão do engajamento deveria permear todas as abordagens e dimensões ou desembocar nelas!

novelinha sem consequências, e cujos termos soam bonitos de se citar, como se todas as pessoas ou suas ideologias convergissem para o que Freire propõe. A *Pedagogia do Oprimido*, por exemplo, visa ao engajamento efetivo dos educadores e do próprio ser humano, em sua condição, que prevê tanto um aprofundamento intelectual, quanto cultural e político, constituído num processo de conscientização. No reconhecimento das estruturas de que alguns oprimem uns sem libertar outros, ou dito de outra maneira: que o oprimido deve expurgar de dentro de si o opressor que nele reside. Outra interpretação que damos ao pensamento de Freire é que, por ser o sujeito compreendido por uma antropologia filosófica como um animal político e cultural, o engajamento pode fazer parte da condição humana.

Se considerarmos o sujeito freireano constataremos uma espécie de hibridismo. Notadamente Freire concebe o sujeito na esteira da tradição iluminista de Kant, que o vê como autônomo, capaz de decisão racional, responsabilidade por suas ações desde que acompanhadas pelos auspícios da razão, o que no caso de Freire, se configura como o processo de conscientização. O sujeito iluminista e autoconsciente é pertinente ao modo de pensar freireano. Entretanto, Freire incorpora à sua versão antropológica alguns elementos que despontam na contemporaneidade, como por exemplo, sua compreensão do vir-a-ser ou do que ele chama: a vocação do homem de ser-mais (FREIRE, 2008, p. 83). Conceitos típicos de uma antropologia existencial, psicanalítica e até mesmo pós-estruturalista, onde um eu fazedor da personalidade e definidor de uma essência apriorística são abandonados em favor de um sujeito livre, responsável por si, ou subjetivado pelas diversas estruturas do real.

Prescindindo de outras dimensões do pensamento freireano, foca-se neste trabalho apenas esse aspecto do sujeito aberto, do ser humano “como um ser inconcluso, consciente de sua inconclusão, e seu permanente movimento em busca do ser mais” (Idem, p. 83), afinal, é por causa desta compreensão que será possível aos indivíduos significarem o mundo e as práticas concernentes a eles enquanto aspectos relacionais, políticos, educacionais, culturais, mas, sobretudo, abertos. A compreensão de sujeito que norteia esta pesquisa é a existencial e é a influência desta concepção sobre o pensamento de Freire que está sendo considerada.

É no diálogo fecundo entre os conceitos de educação e engajamento que se discute sobre a pedagogia da conscientização como uma área própria do saber, que pretende-se assentar sobre os fatores fundamentais de compreensão da categoria do engajamento que aqui está sendo posta em discussão a partir do questionamento da possibilidade de um processo pedagógico viável nesse contexto. Para Freire a conscientização é o conceito central para que se estabeleça uma educação como prática da liberdade. Afinal, quando ele ouviu “pela primeira vez o termo conscientização, percebi imediatamente a

profundidade de seu significado, pois estava absolutamente convencido de que a educação, como prática da liberdade, é um ato de conhecimento, uma abordagem crítica da realidade” (FREIRE, 2016, p. 55).

Se, como afirmamos, a educação é uma questão estritamente existencial, podemos encontrar no pensamento de Freire esse profundo comprometimento com a existência, com a facticidade dos acontecimentos, visto que o ato de educar para estar engajado nos eventos ao redor de todos e provocado por todos – afinal, ninguém está isento da existência e seus fatos – é fator preponderante da ação de emancipação do mundo, através da libertação de todos e todas num tecido de crítica social. De acordo com as obras de Freire citadas anteriormente, os sentimentos de alheamento do mundo, de afastamento da realidade fática, de alienação da existência, podem ser devidamente transpostos através de uma prática de educação que liberte. Isto é o que ele chamou de “abordagem crítica da realidade” (Idem).

Também podemos nos perguntar existencialmente pelo sentido da educação através de sua crise. Apontamos para uma compreensão da crise – não se trata de resolução, dissolução, ou do findar-se da crise – e para a ampliação de seus resultados sociais, através do estudo específico do engajamento, visto que este conceito incorpora em si todos os aspectos essenciais para uma compreensão histórica e política dos sujeitos, como os de participação, luta, construção, liberdade, entre outros. Por meio da compreensão da educação e engajamento que Freire nos oferece, podemos ter uma compreensão existencial da educação, que pode ser estabelecida através do processo de comprometimento que, aliás, foi ricamente ilustrado por ele através do conceito de conscientização, a despeito de algumas discordâncias específicas entre ele e seus críticos.

Assentadas essas bases, teremos condições de descrever o que é o processo pedagógico de construção do engajamento. Este, como já sabemos, é desdobramento de alguns conceitos essenciais de viés político. Na esteira desse debate, outra dimensão que aparece com certo grau de importância, é a descrição quase fenomenológica que Paulo Freire faz do processo de conscientização, que muito deve às colocações e ao sentido de sujeito dos existencialismos, à compreensão do humano como devir, como projeto, como ser aberto à transformação, entre outras questões.

Adorno, um dos expoentes da Escola de Frankfurt, reivindicava para a educação o papel de livramento do homem da condição de barbárie (ADORNO, 1995)<sup>3</sup>. Hannah Arendt questionava-se sobre qual seria o papel da educação depois de Auschwitz. (ARENDDT, 2009)<sup>4</sup>. Se dirigirmos o olhar para a sociedade,

<sup>3</sup> Cf. ADORNO, Theodor W. **Educação e Emancipação**. Trad. Wolfgang Leo Maar. 7ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.

<sup>4</sup> Cf. ARENDT, Hannah. **Entre o Passado e o Futuro**. Trad. Mauro W. Barbosa. 6ª ed. São Paulo: Perspectiva, 2009.

perceberemos que em tempo algum a educação foi tão necessária para tentar conter, se não erradicar, a condição de barbárie que parece estar inscrita no coração do ser humano. Essa condição, como um dos papéis fundamentais da educação é o laço que deveria unir a todos e todas na luta pelo melhoramento de suas condições, pois, delas dependem o desenvolvimento salutar e integral dos seres humanos e, conseqüentemente, da sociedade. É sobre esta condição do humano, de um sentido por ser resgatado no projeto de sua subjetividade existencial, que somos nós, que a teoria pedagógica de Freire pode contribuir com a educação ou ainda, que pode se constituir num processo pedagógico específico que visa ao engajamento.

### **Educação e mudança: o momento político na teoria freireana**

Moacir Gadotti faz um prefácio extremamente crítico e fundamentado acerca da obra *Educação e Mudança* e da pedagogia freireana tratada nela.

Mais uma vez a ideia de que Freire parte da existência concreta para estabelecer seu pensamento pedagógico e que está comprometido com a vida como acontecimento é uma marca particular da crítica de Gadotti, assim como da crítica de Ernani Fiori, à escrita freireana, quando nos mostra que “Paulo Freire é um pensador comprometido com a vida: não pensa ideias, pensa a existência” (FREIRE, 2008, p. 7). Isto também se evidencia quando Gadotti escreve que “Paulo Freire não é um intelectual acadêmico, distante da vida concreta, do cotidiano. É por isso [e não por motivos filosóficos ou ideários], que sua teoria e sua práxis são tão fortes, violentas até, carregadas de um sentido existencial profundo” (FREIRE, 2011a, p. 8).

Fica claro mais uma vez que a referência, ou horizonte teórico de transformação da pedagogia freireana é a libertação dos oprimidos; que esta é sua opção preferencial. Isto é marcadamente sua opção política. O texto deixa claro que a educação voltada para os oprimidos, aqueles que são os portadores da liberdade, mas que ainda não conseguem exercê-la, pois lhes faltam exatamente um processo chamado de conscientização, que é impedido pelas ideologias dominantes propaladas em sociedade, deve ter como opção uma reestruturação da cultura, pois, sem isso, não há ação cultural para a liberdade, muito menos mudança concreta. Educar um ser livre, consciente e comprometido com a existência em toda a sua extensão supõe um trabalho educativo e pedagógico que, tanto os sistemas educacionais no Brasil não possibilitam, quanto são emperrados pelas compreensões burocráticas e esvaziadas de sentido humano, pedagógico, ou de uma compreensão antropológica que aborde o ser humano como ele é e não como objeto de manipulação, ou mero fruto da técnica. A reificação dos sujeitos é uma denúncia subjacente ao pensamento de Freire. Reificar é uma forma de oprimir.

Uma educação que conscientize, logo, que modifique as vivências humanas e sociais parece ser proibida pela própria estrutura de classes e o arraigamento das compreensões tacanhas, distorcidas e enviesadas do fenômeno educacional no Brasil. Os dois conceitos de consciência e mudança são correlatos. Um não pode acontecer sem o outro. Ninguém se conscientiza para não fazer nada, pois, todo ato escolhido e vivido diz respeito a um modo de estabelecer-se no mundo, seja como luta, seja como oposição a modos vigentes de ser, e, mesmo que numa tomada de decisão pareça que nada decidimos, sempre escolhemos um lado, sempre estamos nos posicionando como sujeitos ativos na construção da própria vida. Portanto, em Freire “a mudança de uma sociedade de oprimidos para uma sociedade de iguais e o papel da educação – conscientização – nesse processo de mudança são as preocupações básicas” (*Idem*, p. 9) de sua pedagogia.

Este conceito de situação esteve muito presente e ligado ao movimento de intelectuais franceses do existencialismo que praticamente fundaram o movimento de literatura engajada, e subsequentemente do pós-estruturalismo, que partiam da compreensão de que todo ato de escrita é um ato político, que serve à libertação do ser humano, serve para fins políticos de libertação e conscientização. Freire é profundamente influenciado por esse caráter interventivo e libertador das literaturas engajadas. Por isso, entre outras coisas, sua pedagogia pode ser entendida como uma pedagogia do engajamento.

Em Freire a intelectualidade supõe a vida como acontecimento. A escola, os atos de educação, não se fazem em laboratórios, precisam de um sentido encontrado na própria realidade dos sujeitos a quem se destinam os atos ou atividades da educação. Uma escola se faz na existência por e para existentes. Essa compreensão de Freire faz crítica às concepções reducionistas da educação que polarizam a discussão, bem como as estratégias e metodologias, ora voltadas para a manutenção do *status quo*, ora para o estabelecimento de burocracias que distanciam os sujeitos da educação da própria realidade educativa, gerando uma disparidade entre os interesses e as realidades vividas. Daí, “saliente-se a necessidade de uma permanente atitude crítica, único modo pelo qual o homem realizará sua vocação natural de integrar-se, superando a atitude do simples ajustamento ou acomodação, apreendendo temas e tarefas de sua época” (FREIRE, 2008b, p. 52).

Por tais razões Freire critica as posturas dialógicas, que não são verdadeiros diálogos libertadores, mas um modo como os opressores se aproveitam de sua hegemonia para fazerem verdadeiras catequeses, verdadeiros convencimentos, de que seu modo de ver, pensar e estar no mundo, é o melhor dos modos de vida, mas, ao mesmo tempo, não acessível para todos. Portanto, apenas uma captação da própria conscientização desse malogro social será capaz de interferir nas leituras do próprio mundo como construção mediada e coletiva, visando-lhe uma transformação ressignificada pela própria educação.

Essa denúncia se esclarece quando Gadotti argumenta em favor de Freire que “numa sociedade de classes não há diálogo, há apenas um pseudodiálogo, utopia romântica quando parte do oprimido e ardil astuto quando parte do opressor” (*Ibidem*, p.12).

Ao reconhecer esta estrutura de poder e divisão social, encontramos na dialética freireana, que nada mais é do que a articulação entre as forças opostas configuradas na relação oprimido e opressor, a possibilidade de efetivação do engajamento por meio da educação. Aqui abordar-se-á a dialética freireana, ou melhor, será classificada como uma dialética da superação do oprimido e do opressor. Trata-se na realidade da saída dessa condição de ser oprimido e de ser opressor para o estabelecimento de outro componente de subjetividade, de uma alteridade que não mais se pense como um ou outro. É por isso também que podemos dizer que “o diálogo de que nos fala Paulo Freire não é o diálogo romântico entre oprimidos e opressores, mas o diálogo entre os oprimidos para a superação de sua condição de oprimidos” (*Ibidem*, p. 13). Portanto, neste artigo se propõe a superação das duas condições. Eliminando o opressor, elimina-se também o oprimido, deixando margem para o surgimento de outro sujeito, que seria o sujeito do engajamento efetivo.

Porém, no caminho de superação das posturas do opressor-oprimido, esbarramos com uma condição cultural que mostra o modo de vida do opressor como o modelo de vida a ser almejado, o que dificulta o estabelecimento de uma consciência ou processo de conscientização que de fato libere os sujeitos de sua condição de oprimidos sem resvalar na condição de opressores, pois, como aponta Freire, “Há [...] em certo momento da experiência existencial dos oprimidos, uma irresistível atração pelo opressor. Pelos seus padrões de vida. Participar desses padrões constitui uma incontida aspiração” (FREIRE, 2008, p. 55). O que se argumenta aqui é o estabelecimento de um modo de compreensão da educação que supere a grande tentação do oprimido. O caminho é sair da condição de oprimidos, a partir da análise de vários mecanismos e da beleza contida no modo de ser para além da dialética do senhor e escravo, para a situação de sujeitos politicamente engajados e comprometidos com a mudança cultural.

Politicamente falando, a escola, “não é uma ilha de pureza no interior da qual as contradições e os antagonismos de classe não penetram. Numa sociedade de classes toda educação é classista” (Ib. p. 13). Portanto, a educação, cuja principal sede de aqulamento é a escola, é um ato político. Querer dirimi-la dessa condição é o mesmo que atestar que a educação não serve para nada. Em uma compreensão política da educação, os papéis sociais e a compreensão das relações de poder são uma condição *sine qua non* da superação dos modos estatuidos e vigentes em educação. É por isso que devemos superar o modo próprio como os sujeitos da educação são classificados e postos num mundo de classes e, mediados pelos mais diversos

– e por vezes acalorados conflitos – estabelecermos novas condições de ser no mundo. Isto não quer dizer que falte à educação sua dimensão política, pois, “não estamos politizando a educação. Ele sempre foi política. Ela sempre esteve a serviço das classes dominantes” (Ib. p. 15) O que se pretende é desmascarar certas condições que negam, escondem e prejudicam a compreensão dos sujeitos impossibilitando seu engajamento nas situações sociopolíticas com as quais são confrontados. Essa foi a luta de Freire. Ele parte disso para fundamentar sua luta pela educação.

## **A pedagogia freireana nos conduz necessariamente ao engajamento político**

12

Isso por que a vida é política. Não é a gerência, mas a organização da vida em comum. Da abrangência do bem comum.

Diante da ação humana de dirigir-se ao mundo e encontrar seus possíveis significados, qual o lugar concreto da educação e seu papel na conjuntura da formação humana? De que forma a educação trataria sua relação com o engajamento e apontaria no conjunto de sua proposta de formar seres humanos, pessoas capazes de altruísmo num engajamento que lhes coloca diante de uma responsabilidade inalienável frente a sua liberdade, uma realidade alcançável? Diante da falta de compromissos sérios com o Outro, diante do minoramento da ética, do endurecimento das mentes, dos atos bárbaros e gratuitos de violência: o que esperar da educação e da existência? Essa sensação estranha, de alheamento e de náusea, para usar uma expressão sartriana, aponta para o maior dos compromissos da educação com uma dimensão mais fundamental da existência humana: fazer o que é certo, resistir na autenticidade e não se perder no caminho.

A este respeito respalda-se um pensamento muito próximo das colocações de Artur C. Danto sobre o sentido trágico e absurdo do existir. Partir desse pressuposto é aceitar que, se o mundo foi feito sem nossa ajuda, e que esse mundo poderia ter existido sem nós, estarmos nele, lançados nele, nos coloca diante do limite de nossa responsabilidade. O mundo é uma dádiva sem sentido, porém, é por causa disso que confrontamos e enfeitamos sua condição de existir com significados existenciais, pois, “é isso que a absurdidade significa, no fundo: ela não é tola, nem sem sentido nem inconsequente, mas sim contingente” (DANTO, 1975, p. 18).

Essa preocupação dos existencialismos com o fazer humano, não no sentido da *poiesis* grega, mas da condição intrínseca à liberdade, que é ação, enquanto projeto, e aquela como atividade do homem que modifica radicalmente o sentido do mundo, quer como decisão e intervenção política, cultural, econômica, de engajamento e de liberdade, realidades estritamente existenciais que implicam na responsabilização pelos contornos da própria vida para-si e

para-outros, é sentida na teoria freireana, pois, sendo os sujeitos os principais interessados na ação, não caberia uma intervenção existencial da própria educação a partir de outra compreensão acerca do que ela é?

Parece nunca ter ficado tão evidente para nós, humanos, o fracasso e a angústia pelas quais passa a educação, através de suas demandas, pelo modo como a política se coloca no seio da vida social, do alijamento da participação cidadã, amparada pela falta de uma compreensão densa de liberdade, de engajamento, de conscientização, tudo isso desembocando na barbárie já mencionada e no próprio absurdo como algo concreto de onde devemos partir para transcender a atual realidade, onde o império do descomprometimento da sociedade com a própria educação é a situação mais dolorosa e evidente deste contexto.

Ao recorrer à obra de Freire, é essa situação específica da educação que devemos encarar. A educação é feita por humanos e para humanos e, portanto, é com os homens e mulheres, pessoas trans, LGBTQIA+, pessoas especiais que ela poderá mudar, transformar-se. Contudo, se não houver, em primeiro lugar, a transformação do humano – como diria Freire, “a educação não muda o mundo, ela muda as pessoas e as pessoas transformam o mundo” – todo projeto de mudança da educação estará fadada ao fracasso. Esta é uma responsabilidade nossa! É a mudança da educação que implicará na nossa, de modo concomitante e não uma antes e outra depois. Entretanto, é a educação que nos fornece as ferramentas de nossa libertação, portanto, é impossível dissociar o ser humano da educação, compreendida dentro dos processos de amadurecimento, formação e emancipação humanas em que uma dialética entre educação e engajamento enseje os processos capazes de concretizarem as mudanças necessárias.

Neste momento, propõe-se que a intersubjetividade se descobre num processo de conscientização – aqui poderemos aproximar Freire do existencialismo – ratificando sua necessidade de engajar-se e, desse modo, assumir uma consciência engajada e responsável.

Temos assistido ao colapso da cultura política sem nada podermos fazer, ou sempre nos desculpando em nome de alguma coisa para nada fazermos. Como na denúncia de Herbert Marcuse em *O Homem Unidimensional*, [...] A cultura como maior representante daquilo que somos, que portamos e que nos diferencia existencialmente das demais criaturas tem nos solapado para uma das dimensões mais primitivas do humano. É esta falta de comprometimento com nossos destinos comuns e humanização que tem gerado uma verdadeira banalização da vida, por causa da naturalização de práticas de aviltamento da condição humana! Onde estão os intelectuais? Onde está a educação? Como concretizar um tipo de formação humana e educacional que transforme cada existente num intelectual engajado? Talvez isto soe muito ousado, mas, que

outro caminho seria possível para dar conta dessa relação grandiosa da educação e do engajamento?

Com o estudo do engajamento veremos que, em termos de história, sociedade e política, dos três níveis de realidade mencionados, a intersubjetividade é a mais forte das três realidades, pois é por ela que se criam as redes de significados coletivos, os pactos e a articulação entre os aspectos objetivo e subjetivo da realidade; articulação que também pode se dar, no nosso modo de enxergar, por meio da razão dialética “que se constitui numa relação de ensino/aprendizagem”, de acordo com a tese de Walter Matias Lima (LIMA, 2004, p. 15); portanto, que pode ser constituída pelo patrocínio da educação. Estes níveis da realidade são aqueles por meio dos quais uma sociedade funciona de acordo com pactos que têm o poder de fundir sujeitos em torno de um sentido comum, construído e veiculado, ao mesmo tempo em que resguarda sua autenticidade existencial e torna a sociedade um tecido vivo de manifestações, construções e contradições que deslizam para o campo da história.

Uma das formas dessa rede de significados coletivos se expressarem, como fruto de um embate de relações e diferenças, entre razão dialética e práxis, é o engajamento e a colaboração ou solidariedade que se expressa por meio do significado e do sentido vivido deste conceito, enquanto prática, e que faz com que ele seja o que é. Acreditamos também que uma forma de mobilização e de expressão do engajamento é a educação por meio de sua realidade transformadora. Por esta razão propomos este aspecto formativo e intencional da educação para o engajamento como sendo possível e presente na obra de Freire.

Neste contexto, caberia perguntarmo-nos se a educação não teria entre suas tarefas prementes a de enfatizar a construção de uma noção de educação que tende para o engajamento considerado como uma condição da formação, isto é, algo que possa ser mediado nas relações educativas, e não apenas suposto ou proposto? Estamos considerando como uma hipótese a este artigo que o engajamento dever ser tomado no nível de algo mais fundamental e inerente à prática educativa, como algo que lhe caracteriza e de onde as ações dos sujeitos encontrariam eco numa sociedade que está em curso, ainda por realizar-se enquanto história, visto que são os sujeitos que lhe criam a forma que tem.

Por essa razão, entendemos que o engajamento, a partir de uma leitura freireana, deve ser algo passível de ensino, referente também a um processo pedagógico, entendendo o termo pedagógico aqui como elemento de construção de um saber mediado por processos de educação, sendo esta algo que está para além do que acontece na escola, ou na educação formal, por exemplo. O pedagógico é aquilo que aponta para “novas significações da experiência” (LIMA, 2004, p. 18) e, portanto, é algo muito amplo.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O engajamento pode ser considerado como uma das condições necessárias ao desenvolvimento pleno de um ser aberto e lançado num mundo a fim de fazer-se e fazer o mundo circundante. Esta é uma de suas condições políticas, afinal o engajamento tem a ver com a realização total da liberdade de si e dos outros. A educação estaria, a nosso ver e de certa maneira, atestando êxito ou fracasso ao não realizar uma dimensão tão importante à formação integral de estruturação dos sujeitos. A educação deveria comprometer-se com o engajamento, tornar-se engajamento, pois, assim como o existencialismo considera, o engajamento é o “ponto onde se encontram e se ligam o individual e o coletivo” (DENIS, 2002, p. 33) e a educação é a realidade que faz a mediação das relações e as transforma em aprendizado e em práticas de sociabilidade. Porém, para realizar este aspecto da formação humana, esse processo de educar para o engajamento, tem que haver, segundo se propõe aqui, uma intencionalidade a compor a atividade pedagógica e/ou educativa para realizar-se como um fim ou para ter uma finalidade de engajamento e compromisso. Ora, a educação pode tomar para si a atividade de formar as pessoas nessa condição de amadurecimento do próprio engajamento e do momento de escolha e decisão que permeia todo esse processo.

15

Lembremos, a contento, das palavras de Hannah Arendt sobre o que é a educação: “a educação é o ponto em que decidimos se amamos o mundo o bastante para assumirmos a responsabilidade por ele e, com tal gesto, salvá-lo da ruína que seria inevitável não fosse a renovação e a vinda dos novos e dos jovens” (ARENDR, 2009, p. 247). Diante de uma convocação existencial, como esta presente na frase de Arendt, constatamos, não sem dissabor, que o novo trazido pela força da juventude está caído e tomado pela indolência e pelo cinismo. Há a constatação de que uma força contrária e rebelde, por assim dizer, não conformada à indolência, faz uma frente de equilíbrio diante daquilo que nos assola e aflige enquanto humanos. A vinda dos novos e dos jovens é sempre fonte de renovada esperança, e a instância que prepara e forma o novo e a juventude é a educação. A força do novo e do que é jovem não pode perder a paixão pela vida, nem alhear-se do destino comum que nos irmana; porém, o uso dos recursos tecnológicos acabou por criar uma bolha onde cada qual só se importa com sua rede, cada vez mais restrita e esquecendo o todo coletivo que importa ser olhado com cuidado. E uma das perspectivas de encarar essa realidade para superá-la pode ser o engajamento no modo como aqui se defende. O engajamento visto como uma possibilidade de superação da indolência e da preguiça do pensamento, como possibilidade de superação e luta contra o pensamento violento, traz um movimento subjetivo diante das forças antagônicas que engendram a realidade e solicitam um posicionamento de cada ser.

Neste sentido, até a possibilidade do “não-engajamento” já é um modo de engajar-se, visto que da liberdade e da escolha ninguém escapa. O pensamento de Freire, sua exposição em favor de uma assunção do posicionamento crítico podem ser considerados como uma intencionalidade que penda para a educação como forma de educar para o engajamento, reivindicada na paixão pela ação subjetiva, reivindicada também na apropriação crítica e existencial dos acontecimentos, para ensejar a ação da liberdade humana.

Em um processo existencial de educação, ou como está sendo chamada, uma educação de situação, a formação deveria concentrar-se no conhecimento da realidade e de nós mesmos e, por meio dessa compreensão mais abrangente de nós e do mundo podemos ter condições de modificar a realidade que nos cerca, através de práxis mais abrangentes.

Outra condição que se coloca a uma educação para o engajamento é a noção de que há um futuro. Conhecer a realidade e transformá-la, à medida que nós mesmos vamos nos transformando, diz respeito às intervenções que fazemos guiados pela possibilidade do futuro. Essa noção de que deve haver um futuro, à maneira da demonstração sartriana, de que “um futuro vedado ainda é um futuro” (*Sit I*, 2005, p. 100) ou de que “o projeto é a instância fundamental que caracteriza a práxis individual” (LIMA, 2004, p. 97) é o mesmo que dizer que existe uma tarefa para o ser humano, a ser realizada no compromisso do seu engajamento, que é o de projetar-se a si, como um indivíduo na totalidade da história, dentro do universo coletivo, afinal, “realmente, o verdadeiro caráter de um compromisso particular não pode ser reconhecido se seus vínculos com uma dada totalidade não forem revelados” (MÉSZÁROS, 2012, p. 26).

Mas, o engajamento é algo que se descobre como condição da subjetividade, ou que é passível de ensino? As duas coisas. O engajamento é a subjetividade prolongada na ação que, se submetida à rigorosa<sup>5</sup> formação, pode encontrar os elementos do seu desenvolvimento, ampliação e efetivação no mundo. É algo que pode ser tratado por uma dinâmica educacional ou somente compor a estrutura ontológica do sujeito? É algo que, um dia, de repente, sentimos surgir em nós? Não seria antes, uma das dimensões da subjetividade que, se trabalhadas no contexto de uma pedagogia própria, uma educação de situação, não alcançaria a autenticidade dos sujeitos que se implicam mutuamente em ação? Por que não tratar o que é o engajamento como processo de subjetivação, visto que a razão dialética é uma atividade “intrinsecamente educativa”? (LIMA, 2004, p. 16). Afinal, somos à medida em que nos fazemos e, conseqüentemente, somos à medida em que nos engajamos.

<sup>5</sup> O termo “rigorosa” não significa conservador, mas aquilo que deve ser extremamente responsável e ético no seu desenvolvimento.

A atividade educativa, responsável em larga medida pelos processos de subjetivação, deve colocar o problema deste *fazer em curso* do sujeito e da história como elemento de sua práxis. O engajamento tem algo a nos ensinar? Que processo poderá dar conta dessa atividade? De que modo se pode apresentar um tipo de conscientização específica, uma intencionalidade própria e intrínseca ao engajamento? Ora, o próprio engajamento, se descrito através de seu desenvolvimento histórico, tem voz suficiente para mostrar e cumprir com a atividade exigida por cada uma das perguntas colocadas acima, mas precisa de uma mediação; isto é, de uma instância formadora. É aí que entra a educação. Exatamente por isso, e também por causa das perguntas levantadas acima, que precisamos indicar uma relação fundamental entre a educação e a teoria do engajamento presente em Paulo Freire. Afinal, não teria a educação o dever de ser cumpridora desse aqulamento do engajamento como parte essencial de sua ação formadora e transformadora do humano ao mesmo tempo em que transformadora da realidade? Não caberia a ela, isto é, à educação, a responsabilidade pela ampla discussão desse conceito com vistas a sua aprendizagem, os processos de subjetivação e de organização coletiva como prática na sociedade? A educação não teria, por isso, um papel fundamental ao tomar o engajamento como fonte de um processo pedagógico específico, que contenha e apresente aprendizagens da condição existencial e subjetiva dos sujeitos em busca de mais liberdade e comprometimento? Se assim for, chamaremos a esta tarefa educativa intrínseca ao engajamento, porém investida como intencionalidade de educação para o engajamento ou educação de engajamento.

Pelo que foi abordado neste artigo, fica-se estabelecido a forte resolução de que há uma ligação essencial e fundamental entre a educação, entendida como processo de subjetivação e a subjetividade, ou realidade humana em sua estrutura ontológica e seu modo de ser, como construção de si, pois, por meio da formação fornecida e construída pedagogicamente pelos sistemas de ensino e aprendizagem, as subjetividades são produzidas também, embora a educação esteja para além de tudo isso, como algo mais abrangente. Reconhecemos também que esta responsabilidade se assenta com necessidade sobre uma noção profunda de engajamento como função de uma educação de situação<sup>6</sup>, que nos mostre que a sua competência, se se quiser referir as escolas, por exemplo, um dos mais importantes setores sociais de disseminação da educação e outras instâncias de promoção educacionais, consiste em ensinar a viver e em promover o engajamento vivo de subjetividades livres e não apenas cumprir com a função de acumular conhecimentos e habilidades que pouco ou

<sup>6</sup> Este conceito foi criado e está presente na tese de doutorado do autor desse artigo, intitulada **Subjetividade e engajamento como pressupostos para a formulação do conceito de Interessamento numa educação de situação segundo o pensamento de Sartre**. UFPE, Recife, 2019.

nada dizem a respeito da pessoa que tem a necessidade de engajar-se, num mundo que aponta para necessidades diversas.

As solicitações dos acontecimentos externos que se transformam em eco e um possível interesse pela transformação da realidade se delineia em cada ser, por meio dos apelos insistentes do caráter educacional. Por isso ser tão importante a colaboração e a contribuição da educação como sensibilização para os fatos por meio da conscientização, da autonomia, da liberdade, por meio daquilo que tão diligentemente Paulo Freire nos ensinou.

## REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor W. **Educação e Emancipação**. Trad. Wolfgang Leo Maar. 7ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.

ARENDT, Hannah. **Entre o Passado e o Futuro**. Trad. Mauro W. Barsosa. 6ª ed. São Paulo: Perspectiva, 2009.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O educador: vida e morte**. 12ª ed. Rio de Janeiro: Graal, 1982.

DANTO, Arthur C. **As idéias de Sartre**. Trad. de James Amado. São Paulo: Editora Cultrix, 1975.

DENIS, Benoit. **Literatura e Engajamento de Pascal a Sartre**. Trad. Luiz Dagobert e Aguirra Roncari. Bauru, SP: EDUSC, 2002.

FREIRE, Paulo. **Conscientização**. Trad. de Tiago José Rise Leme. São Paulo: Cortez, 2016.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 47ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

FREIRE, Paulo. **Educação e Mudança**. 34 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2011a.

FREIRE, Paulo. **Ação cultural para a liberdade e outros escritos**. 14 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011b.

LIMA, Walter Matias de. **Lições sobre Sartre**. Maceió: EDUFAL, 2009.

LIMA, Walter Matias de. **Jean-Paul Sartre: educação e razão dialética**. Maceió: EDUFAL, 2004.

LUIJPEN, Wilheumus Antonius Maria. **Introdução à Fenomenologia Existencial**. Trad. Carlos Lopes Mattos. São Paulo: EPU, Ed. Universidade de São Paulo, 1973.

MÉSZÁROS, István. **A obra de Sartre: busca da liberdade e desafio da história**. Trad. Rogério Bettoni. São Paulo: Boitempo editorial, 2012.

NIETZSCHE, Friedrich. **Assim falava Zaratustra: um livro para todos e para ninguém**. Trad. Mário Ferreira dos Santos. 3ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

SARTRE, Jean-Paul. **Situações I**. Trad. Cristina Prado. São Paulo: Cosac Naif, 2005.

SLOTERDIJK, Peter. **Regras para o parque humano**: uma resposta à carta de Heidegger sobre o humanismo. Trad. José Oscar de Almeida Marques. São Paulo: Estação Liberdade, 2000.